

## Da Grande Guerra ao Pacifismo - O Caso de Ernst Toller

**Gerd Hammer**

*Universidade de Lisboa- CEC*

**Resumo:** Em Agosto de 1914, no início da Grande Guerra, o escritor alemão Ernst Toller (1893 - 1939) é um entusiasta da guerra, tal como muitos outros intelectuais, artistas e estudantes. Toller entra na Infantaria como voluntário, pede a sua transferência para a frente e combate em Verdun. Por um breve momento o judeu Ernst Toller sente-se parte da comunidade nacional. Em Maio de 1916, Toller sofre um colapso psíquico e físico. A seguir à sua recuperação parcial entra na Faculdade em Munique e, sob a influência da guerra e de pessoas como Kurt Eisner, Erich Mühsam, Oskar Maria Graf, entre outros, torna-se num pacifista e socialista libertário e revolucionário. Na minha comunicação, partindo de uma descrição do militarismo alemão e da história do pacifismo, bem como da obra literária de Ernst Toller, gostaria de mostrar como é que Ernst Toller foi expatriado três vezes durante a sua vida: como judeu, como pacifista e como socialista libertário. Assim, a Grande Guerra e a respectiva radicalização de ideias e conceitos já antes existentes moldaram também definitivamente a obra e a vida de Ernst Toller.

**Palavras-chave:** Ernst Toller, Grande Guerra, Militarismo Alemão, Pacifismo

**Abstract:** In August 1914, at the beginning of the Great War, the German writer Ernst Toller (1893-1939) is a war enthusiast, like many other intellectuals, artists and students. Toller enters the Infantry as a volunteer, asks to be transferred to the front and fighting at Verdun. For a brief moment the german jew Ernst Toller feels part of the german nation. In May 1916, Toller suffers a psychic and physical collapse. Following his partial recovery he enters the University in Munich and under the influence of the ongoing war and personalities like Kurt Eisner, Erich Mühsam, Oskar Maria Graf, among others, he becomes a pacifist and a libertarian and revolutionary socialist. In my communication, starting from a description of German militarism and the history of pacifism and the literary work of Ernst Toller, I would like to show how Ernst

Toller was expatriated three times during his life: as a Jew, as a pacifist and as a libertarian socialist. Thus, the Great War and its radicalization of ideas and concepts already existing before also definitely shaped the work and the life of Ernst Toller.

Keywords: Ernst Toller, World War I, German Militarism, Pacifism

A sorte de Ernst Toller parece ter sido vivida entre períodos de fama para, depois, por períodos prolongados, ser novamente esquecido. No breve período da República de Conselhos de Munique / Räterepublik, em 1919, será conhecido como político, depois como o dramaturgo que mais subiu ao palco na República de Weimar. Robert Ellis compara mesmo o seu estatuto com o de estrelas de rock como Mick Jagger ou Bono (cf. Ellis 2013: 2).

Um ano antes de os Nacional-Socialistas terem tomado o poder, Toller emigra para locais como Amesterdão, Zurique, Paris, Londres, até que, em 1935, viaja rumo aos EUA, à Califórnia. Em 1939, suicida-se em Nova Iorque. Consta que Toller, que padecia sempre de profundas depressões, levava sempre consigo uma corda na mala.

Nos anos depois do fim do fascismo, praticamente ninguém se lembra de Toller, dos seus dramas expressionistas, como *Masse Mensch* ou *Maschinenstürmer*, caídos no esquecimento. Só no final dos anos 50, na RDA, quando surge uma coletânea das suas obras, Toller é redescoberto. No entanto, estão aqui ausentes as passagens que poderiam ser entendidas como uma crítica ao Comunismo<sup>1</sup>. Na Alemanha ocidental, é agora menos conhecido como dramaturgo, e mais sobretudo na sequência da sua autobiografia, editada em 1933, *Eine Jugend in Deutschland*, que se tornou leitura obrigatória nos bancos da escola na Alemanha Ocidental. Com a edição da sua obra na editora Hanser Verlag em 1978 e, em 2014, a edição crítica por iniciativa da Toller-Gesellschaft, na Wallenstein Verlag, a obra de Toller passou a estar facilmente acessível. Além disso, após anos de ausência nos palcos, no ano do centenário da Primeira Guerra Mundial, Toller é novamente procurado na sua qualidade de dramaturgo e quase todos os grandes palcos alemães integram no seu

programa o retornado da guerra Hinkemann ou, como é o caso do Grillo-Theater de Essen, uma versão dramatizada de *Eine Jugend in Deutschland*. Também em 2013, no ano temático sobre Berlim no Nacional-Socialismo, por ocasião do octogésimo aniversário da subida de Hitler ao poder, Toller marcou a sua presença.

Ernst Toller nasceu no dia 1 de Dezembro de 1893 em Szamocin, no Grão-Ducado de Poznań. Não será certamente por acaso que as suas recordações de infância, como nos descreve em *Eine Jugend in Deutschland*, têm início no antissemitismo – será quase sempre um outsider:

Frederico, o Grande, permitiu que o meu bisavô materno fosse o único judeu a estabelecer-se em Szamocin, uma pequena cidade em Netzebruch. (...) O bisneto sentia orgulho deste facto, nele via uma distinção e uma nobre elevação, e vangloriava-se junto dos colegas de escola. (...)

Ilse corre na minha direção e estende-me a mão. Permanecemos assim alguns momentos e olhamo-nos com curiosidade. A menina que veio de fora conversa com Marie. E agora grita para Ilse:

- Não fiques aí parada, ele é judeu.

Ilse solta a minha mão e sai a correr. Não compreendo o significado das palavras, mas começo a chorar, descontroladamente. (Toller 1963: 11s.)

Toller será sempre acompanhado pela experiência do antissemitismo. No entanto, será pelo menos tão importante a sua educação sob a égide do militarismo no Realgymnasium de Bromberg, que passa a frequentar em 1906, um ano após a doença. A aprendizagem centra-se na matemática e, repetidamente, no elogio da guerra e na denúncia dos Franceses como ladrões, que roubam até as “telhas das igrejas” (*ibid*: 26). Quando, em 1911, a canhoneira alemã Panther é enviado ao porto de Agadir, os professores da escola recomendam cautela perante o professor francês, já que, afinal de contas, todos os Franceses são espiões, e:

Nós, os jovens, desejamos ter a guerra por perto, a paz é podre e a guerra um tempo grandioso, dizem os professores, ansiamos viver aventuras, quem sabe dispensam-nos dos últimos anos da escola e amanhã estamos de uniforme, essa é que é a vida. (*idem*: 28)

Uma pesquisa no catálogo da Biblioteca Nacional de Frankfurt produz mais de 10 000 resultados sobre a Primeira Grande Guerra; próximo do centenário, o mercado é ainda inundado por uma imensidão de novas publicações<sup>2</sup>. A tendência geral destas investigações mais recentes parece-me – com todas as cautelas – uma relativização da culpa alemã pela guerra, como o expressa de forma exemplar Christopher Clark no seu excelente livro, com o título algo infeliz de *The Sleepwalkers*.

Também Herfried Münkler, na sua obra abrangente *Der große Krieg*, dirige-se sobretudo contra a tese de Fritz Fischer, no clássico da historiografia *Griff nach der Weltmacht*, segundo a qual a culpa da eclosão da Grande Guerra residia no militarismo alemão.

Mesmo que Münkler consiga demonstrar quão elevados eram os investimentos militares no Império Alemão e que não diferiam substancialmente daqueles dos outros intervenientes na guerra, estes números não retirarão certamente vigor à importância ideológica do militarismo alemão.

Num estudo sobre o militarismo na Alemanha (*Militarismus in Deutschland*, Wette 2011), Wolfgang Wette descreve o desenvolvimento desta cultura bélica desde o estado militarizado da antiga Prússia, passando pela importância estrutural para o Império Alemão, até ao seu poder de influência na política de expansão imperialista, no militarismo da República de Weimar, no Nacional-Socialismo e nos efeitos ao longo do tempo na Alemanha ocidental após 1945.

Gostaria aqui de me limitar ao militarismo alemão. Com base no exemplo de França e na abordagem do Caso Dreyfus, Wette apresenta claramente as diferenças face ao militarismo alemão (cf. Wette 2011: 75ss.); no entanto, neste caso, em circunstâncias muito equiparáveis, o exército foi controlado pela sociedade, ao passo que o espírito militarista estava impregnado na sociedade alemã e que o seu militarismo conduziu às associações de soldados / *Kriegervereine*, onde se revelou na verdade como o militarismo dos pequenos burgueses e uma arma contra o socialismo em ascensão (cf. Wette 2011: 72).

Em 1914, em *Gedanken im Kriege*, Thomas Mann celebrava este militarismo alemão como ostentando uma relação espiritual com a seguinte moral:

No entanto, os nossos soldados mantêm uma relação espiritual com o nosso moralismo, sim, ao passo que outras culturas, até à mais fina-flor, até à cultura, revelam tendência para assumir plenamente a forma de uma urbanidade civil; o militarismo alemão é, na verdade, a forma e a expressão da moralidade alemã. (Mann 1977: 31)

E Mann mostra-se também indignado com os adversários, que pensam ter o direito de "soltar contra a Alemanha Quiguizes, Japoneses, Gurkas e Hottentotten" (Mann 1977: 36).

No mesmo “chapéu” nacionalista cabiam também reconhecidamente os professores alemães, com a Declaração dos Professores do Ensino Superior do Império Alemão, de outubro de 1914. Mais de 4000 professores do ensino superior, ou seja, cerca de 80% de todos os docentes de universidades alemãs, assinaram este documento na sequência do Manifesto dos 93.

Nós, professores das universidades e escolas superiores alemãs, servimos a ciência e laboramos para a paz. No entanto, enche-nos de indignação que os inimigos da Alemanha, com a Inglaterra na dianteira, alegadamente para nosso bem, queiram estabelecer uma oposição entre o espírito da ciência alemã e aquilo que denominam de militarismo prussiano. Nas fileiras alemãs não existe qualquer outro espírito que não seja o povo alemão, já que ambos são um só, e nós também lhe pertencemos. (...) Estamos convictos de que, para toda a cultura europeia, a cura depende das vitórias que o “militarismo” alemão vier a alcançar. ([http://de.wikisource.org/wiki/Erkl%C3%A4rung\\_der\\_Hochschullehrer\\_des\\_Deutschen\\_Reiches](http://de.wikisource.org/wiki/Erkl%C3%A4rung_der_Hochschullehrer_des_Deutschen_Reiches))

A guerra como combate cultural, como conflito entre os comerciantes contra os heróis, é assim que descrevia de forma expressivamente nacionalista o sociólogo e economista alemão Werner Sombart:

O militarismo é o espírito heroico elevado a espírito bélico. É Potsdam e Weimar na sua máxima união. É 'Fausto' e 'Zaratustra' e uma partitura de Beethoven nas trincheiras. Na verdade, também a Heroica e a Abertura “Egmont” estão impregnadas do mais genuíno militarismo. (Sombart, Händler und Helden, p. 85. *apud*. Piper 2013: 236ss.).

Herfried Münkler, na obra acima referida sobre a Grande Guerra (Münkler 2014: 71) não reconhece uma filosofia militarista fechada dos alemães, mas sim essencialmente um conflito no seio da estrutura militarista<sup>3</sup>. Esta tese tenderá a ser correta, já que Jeffrey Verhey, no seu livro *Der 'Geist von 1914' und die Erfindung der Volksgemeinschaft*, já no ano 2000 havia comprovado quão reduzido havia sido o entusiasmo da globalidade dos alemães face à guerra. Trabalhadores e agricultores encaravam a guerra de forma claramente mais cética do que a burguesia; o "espírito de 1914" é também um produto de uma propaganda nacionalista muito orientada (cf. Verhey 2000: 249).

Pouco tempo antes da eclosão da guerra, em Fevereiro de 1914, Ernst Toller estava em França para concluir os seus estudos universitários, mas a verdade é que só raramente marcava a sua presença na Universidade de Grenoble. Preferia cantar na associação de estudantes alemães "Deutschland, Deutschland über alles, über alles in der Welt" (Alemanha, acima de tudo, acima de tudo no mundo inteiro) e assume-se como um "pioneiro de uma cultura mais elevada" (cf. Toller 1963: 31). Quando então se inicia a guerra, regressa imediatamente à Alemanha e alista-se como voluntário, em Munique, no 1.º Regimento Real de Artilharia a Pé da Baviera. Todavia, parece-me improvável que a cena subsequente com o "burguês embriagado de cerveja" no elétrico (*idem*: 40), que Toller descreve em *Eine Jugend in Deutschland*, se tenha passado efetivamente assim. Ele tem na mão uma caixa com charutos bons e maus e oferece o mau ao soldado Toller; poderá dever-se à redação do livro em 1933, em jeito de memória. No entanto, esta cena não desencadeou em Toller quaisquer dúvidas no seu entusiasmo bélico. Pelo contrário, a conhecida afirmação de Guilherme II. - Eu não conheço partidos, eu só conheço alemães - terá também correspondido ao desejo que Toller nutria em ser aceite na comunidade nacional.

Segundo um dos biógrafos de Toller, o professor de literatura britânico Richard Dove, Toller terá visto no nacionalismo uma possibilidade de superar as barreiras da raça e de se integrar entre as fileiras dos alemães<sup>4</sup>.

Toller alista-se para a frente e trava conhecimento muito próximo com a morte no matadouro da Europa, o entusiasmo pela guerra é de curta duração:

Ao longo destes bosques destroçados, apodrecendo toda a Europa, o Priesterwald, estendem-se as trincheiras dos Franceses e dos Alemães. Estamos tão próximos uns dos outros que, se elevarmos a cabeça para fora da trincheira, podemos conversar sem necessidade de elevar a voz. Dormimos agachados uns contra os outros, no meio da lama, das paredes escorre água, as ratazanas mordiscam o pão que comemos, o nosso sono é invadido pela guerra e pela pátria. Hoje somos dez, amanhã oito, dois foram dilacerados por granadas. Não enterramos os mortos. Colocamo-los em pequenos nichos que escavámos na parede da trincheira para descansarmos. Quando me arrasto contra a trincheira, não sei se estou a passar por um morto ou por um vivo. Aqui, os cadáveres e os vivos têm o mesmo rosto cinzento amarelado. (...) Uma pessoa morta – queria por fim poder esquecer estas três palavras, o que têm estas palavras, por que razão me dominam e me violentam? (Toller 1963: 48)

A prestação de Toller na frente durou 14 meses. Em maio de 1916 sofre um colapso, físico e emocional, não sendo mais capaz de continuar a participar na guerra. Este período transformou-o de forma radical, convertendo-o em pacifista. Nesta medida, o percurso de Toller não se distingue substancialmente do de outros artistas e intelectuais no início da guerra, muitos dos quais, como Alfred Lichtenstein, Georg Trakl, Ernst Stadler ou Franz Marc, morreram efetivamente na guerra<sup>5</sup>.

Faz parte do imaginário, perturbador e, de uma perspetiva atual, nem sempre fácil de compreender, a reduzida atenção que as ideias pacifistas conseguiram atrair antes desta guerra. O anarquista Erich Mühsam, que seria mais tarde assassinado pelos Nacional-Socialistas num campo de concentração, contava-se entre os mais decididos oponentes da guerra, a par do seu amigo, o escritor e amável utópico Paul Scheerbart. E, naturalmente, os seus contemporâneos mais atentos e com sentido crítico tinham a capacidade para ver antecipadamente a catástrofe que se aproximava e de alertar para a mesma. Uma destas pessoas foi o cientista de renome, anarquista e pacifista Gustav Landauer. Já em 1908 julga os Alemães capazes de tudo, devido ao seu espírito de submissão:

O facto de o alemão não ser apreciado no estrangeiro deve-se ao seguinte: somos um povo imprevisível, porque somos obedientes, porque não somos um povo mas sim um séquito. Os estrangeiros sabem que alguns milhões de alemães estariam dispostos a atacá-los se alguns governantes tivessem vontade de lhes dar essa ordem. [...] Essa nossa falta de liberdade interior surge aos olhos dos outros como rudeza, como grosseria; damos a impressão de um rapaz matulão e

desastrado que não sabe o que quer mas defende essa incapacidade com uma moca pesada, surgindo assim como violento e agressivo. ([http://www.dadaweb.de/index.php?title=Gustav\\_Landauer:\\_Nation,\\_Krieg\\_und\\_Revolution&oldid=11656](http://www.dadaweb.de/index.php?title=Gustav_Landauer:_Nation,_Krieg_und_Revolution&oldid=11656))

No que toca aos números foi no entanto mais relevante o movimento pacífico burguês ou a influência de Bertha von Suttner, que em 1905 se sagrou a primeira mulher a receber o Prémio Nobel da Paz. No seu livro *Pazifismus in Deutschland*, Karl Holl (Holl 1988) mostra a forma como o movimento pacifista se conseguia ainda manifestar com relativa intensidade, a nível internacional, no virar do século. Para a perda de importância que sofreu subsequentemente, Holl apresenta diversos motivos. É sabido que não se foi assim ao encontro das esperanças que este agrupamento, enraizado sobretudo na burguesia, havia implantado no espírito dos académicos e reverendos protestantes alemães como apoiantes do pacifismo organizado. Também a ideologia do Darwinismo social contribuiu para debilitar o movimento.

Contudo, a Deutsche Friedensgesellschaft, DFG, mesmo em 1914 contava ainda assim com cerca de 10.000 membros. No entanto, comparativamente com os seus adversários na Alemanha, o movimento não assumia praticamente qualquer importância, mas era alvo das mais violentas críticas junto dos defensores do nacionalismo. Holl encara os motivos para a recusa de uma orientação internacional dos pacifistas. "Há a sublinhar também que a crítica antipacifista rapidamente serviu ressentimentos antissemitas." (Holl 1988: 84).

Esta forma de pacifismo burguês não foi o tipo de pacifismo escolhido por Toller. Após a guerra, começa a interessar-se com intensidade crescente por questões políticas e participa em debates pacifistas em Munique. Trava aí conhecimento, entre outros, com Oskar Maria Graf, Kurt Eisner e Erich Mühsam. Neste período, consolida a sua atitude social-revolucionária e participa na República dos Conselheiros de Munique, em Novembro de 1918.

Após a derrota da designada "República dos Escritores" / "Literatenrepublik", Toller torna-se numa das pessoas mais procuradas na Alemanha e, após a sua captura, é condenado por alta traição a cinco anos de prisão.



O militarismo alemão sobreviveu sem grandes danos à Primeira Guerra Mundial, algo que se espelha também na Justiça<sup>6</sup>. O assassinato do Primeiro-Ministro da Baviera, Kurt Eisner, em Fevereiro de 1919, em Munique, pode ser entendido simbolicamente também como a derrota do pacifismo. Pelo atentado de inspiração antissemita contra o pacifista Eisner, o seu assassino, Anton Graf Arco, foi condenado a quatro anos de prisão em Landsberg, onde Adolf Hitler, nos anos 1923 e 1924, escreveu o seu livro *A Minha Luta*. Anton Graf Arco só tinha aliás de se apresentar na prisão para passar a noite, podendo trabalhar durante o dia e receber qualquer tipo de visita. Pelo contrário, Ernst Toller cumpre a sua pena sem qualquer alívio da pena, é-lhe concedida apenas uma remissão da pena de um único dia, sendo depois enviado além-fronteiras, para a Prússia (Toller 1963: 166). Uma vez mais, é excluído da sociedade.

As experiências vividas na guerra, na revolução e no encarceramento permitem que Toller encontre definitivamente o seu lugar, ou seja, sempre em terra de ninguém. O pacifista e autor de *Krieg dem Kriege*, Ernst Friedrich, apresenta esta posição sob o conceito de “pessoa livre”: “Existe agora felizmente algo mais do que apenas correligionário ou burguês: O homem! O homem livre, que nem se dedica ao aparelho partidário nem ao sistema estatal” (*apud*. Viesel: 1980, 407).

Toller, homem ou homem livre, faz lembrar uma *pathos* expressionista. Atualmente, poderíamos possivelmente descrevê-lo como um democrata e humanista radical. Foi escorraçado da Alemanha pelo militarismo, cuja ideologia nacionalista e antissemita transformava em desalojados pessoas como Toller; mas Toller também não encontrou mais tarde refúgio no Comunismo de pendor soviético. A situação a que isso o conduziu, descreve resumidamente Richard Ellis:

For his part in the Bavarian revolution, the communists alternately denounced Toller as a petit bourgeois intellectual, a traitor, a half-fascist, or a romantic revolutionary anarchist. To the Right, he was a traitor to the values of all good Germans, a Jew Literat, and a communist. To his nationalist critics, he was a communist because he participated in revolution; to his communist critics, he was a traitor because he refused to follow the party line. The puzzled historian, then, has a wide selection: Toller the traitor, Toller the revolutionary, Toller the counterrevolutionary, Toller the anarchist, Toller the fascist, Toller the communist, Toller the anticommunist.” (Ellis 2013: 1)

Muito se especulou sobre a morte voluntária de Toller. No seu prefácio à edição de *Toller Prosa - Briefe - Dramen - Gedichte*, Kurt Hiller apresentou algumas dessas especulações e refere com fundamento uma "complexa teia de motivos" (em Toller 1979: 19). Efetivamente, o militarismo alemão conduziu Toller para a guerra, transformou-o então em pacifista e, por fim, nesta sua qualidade e como judeu, expatriou-o. Ernst Toller escreve a Stefan Zweig em 13.6.1923: "Um sistema que se baseia na injustiça social, na desigualdade e na ausência de liberdade não pode ser justificado quando face a face com o bom-senso" (Toller 1979: 67). Ernst Toller pôs fim à sua vida em 1939, e Stefan Zweig seguiu o mesmo caminho três anos mais tarde. Ambos não conseguiram resistir a um sistema que era herança do militarismo alemão e à situação a que conduziu.

## Bibliografia

Ellis, Robert (2013), *Ernst Toller and German Society. Intellectuals as leaders and Critics. 1914 – 1939*, Lanham, Maryland: Fairleigh Dickinson University Press.

Dove, Richard (1993), *Ernst Toller. Ein Leben in Deutschland*, Göttingen: Steidl.

Holl, Karl (2008), *Pazifismus in Deutschland*, Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag.

Mann, Thomas (1977), "Gedanken im Kriege", in: ders. Essays. Band 2. Politik, Hrsg. von Hermann Kurzke, Frankfurt am Main: Fischer Verlag.

Münkler, Herfried (2014), *Der große Krieg. Die Welt 1914 bis 1918*, Berlin: Rowohlt Verlag.

Piper, Ernst (2013), *Nacht über Europa. Kulturgeschichte des Ersten Weltkriegs*, Berlin: Propyläen Verlag.

Toller, Ernst (1963), *Eine Jugend in Deutschland*, Reinbek bei Hamburg: Rowohlt Verlag.

-- (1979), *Prosa-Briefe-Dramen-Gedichte*; Reinbek bei Hamburg: Rowohlt Verlag.

-- (1979 a), *Justiz-Erlebnisse*, München: Carl Hanser Verlag.

Verhey, Jeffrey (2000), *Der "Geist von 1914" und die Erfindung der Volksgemeinschaft*, Hamburg: Hamburger Edition.

Viesel, Hansjörg (1980), *Literaten an der Wand. Die Münchner Räterepublik und die Schriftsteller*, Frankfurt am Main: Büchergilde Gutenberg.

Wette, Wolfgang (2011), *Militarismus in Deutschland. Geschichte einer kriegerischen Kultur*, Frankfurt am Main: Fischer Verlag.

[http://de.wikisource.org/wiki/Erkl%C3%A4rung\\_der\\_Hochschullehrer\\_des\\_Deutschen\\_Reiches](http://de.wikisource.org/wiki/Erkl%C3%A4rung_der_Hochschullehrer_des_Deutschen_Reiches) (página acedida em 12.09.2014)

<http://www.muehsam-tagebuch.de/> (página acedida em 12.09.2014)

[http://www.dadaweb.de/index.php?title=Gustav\\_Landauer:\\_Nation,\\_Krieg\\_und\\_Revolution&oldid=11656](http://www.dadaweb.de/index.php?title=Gustav_Landauer:_Nation,_Krieg_und_Revolution&oldid=11656) (página acedida em 16.09.2014)

**Gerd Hammer** é professor de Literatura Alemã, Estudos Culturais e TIC da Universidade de Lisboa. As suas principais áreas de actividade científica são Literatura Alemã, História dos Média, História das Emoções e TIC para futuros professores. Ele é membro do grupo de investigação sobre "Estética da Memória e Emoções", no Centro de Estudos Comparatistas (FLUL). Desde 2008, Gerd Hammer é também co-editor da Revista de Estudos Alemães em Portugal - REAL.

## NOTAS

---

<sup>1</sup> cf. Kurt Hiller *apud* Toller 1979: 11. Hiller menciona as cortes na edição.

<sup>2</sup> cf.: <http://www.welt.de/geschichte/article123412340/Das-sind-die-besten-Buecher-zum-Ersten-Weltkrieg.html>

<sup>3</sup> "Mais do que nos revelar uma concepção do mundo militarista fechada, a tese do militarismo diz-nos algo sobre a estrutura interna do Império Alemão, em especial sobre os conflitos entre tradicionalistas e modernizadores no Exército. O militarismo alemão influenciou sobretudo a estrutura interna do Império e os combates político-sociais que este encerrava, e não tanto a sua política externa" (Münkler 2014: 71).

<sup>4</sup> "Subitamente, os conflitos morais que haviam pesado sobre si em criança pareciam ter-se resolvido; de repente, conseguia superar as barreiras da raça e ser aceite na comunidade nacional que, de forma igualmente subtil, havia conseguido sempre ostracizar os judeus. Era para ele imprescindível provar que era alemão e nada mais" (Dove 1993: 36).

<sup>5</sup> Ernst Piper escreve sobre os artistas internacionalmente conhecidos que sucumbiram na guerra: "No total, na sua resenha, Milton Cohen contabiliza 71 vítimas mortais, uma sangria atroz no panorama cultural europeu, sendo que 33 destas mortes são de alemães. Surge a França em segundo lugar, com 14 mortos, seguida da Inglaterra e da Itália com sete e seis artistas mortos" (Piper 283).

<sup>6</sup> Cf. Toller 1979 a. Na sua obra *Justiz-Erlebnissen*, Toller mostra claramente os efeitos duradouros do militarismo e do ideário nacionalista na República de Weimar.